

"profecias"  
do  
Zandarra



sapateiro de trancoso



## COLECCÃO JANUS

SÉRIE

*CONTRA-INICIAÇÃO*

A EXPERIÊNCIA DEMONÍACA

DE

*ERNEST DE GENGENBACH*

VOLUMES I e II

---

SÉRIE

*HISTÓRIA*

HISTÓRIA DA FRANCO-MAÇONARIA

EM PORTUGAL

1733-1912

DE

*M. BORGES GRAINHA*

VOLUME III

---

'PROFECIAS' DO BANDARRA

APRESENTAÇÃO DE

*ANTÓNIO CARLOS CARVALHO*

VOLUME IV

---

A SAIR:

PARA A HISTÓRIA DA MAÇONARIA

EM PORTUGAL

1913-1935

DE

*ANTÓNIO CARLOS CARVALHO*

VOLUME V

Colecção: JANUS

Série: HISTÓRIA

Direcção: ANTONIO CARLOS CARVALHO

© Editorial Vega

Rua Jorge Ferreira de Vasconcelos, n.º 8  
Lisboa

Composto e impresso:

Beira Douro, Limitada — Rua João Ortigão Ramos, 15-A a 17-B  
Lisboa

# "profecias" do Bandarra



sapateiro de trancoso

APRESENTAÇÃO

ANTÓNIO CARLOS CARVALHO

  
EDITORIAL  
vega



«O futuro de Portugal — que não calculo,  
mas sei — está escrito nas trovas do Ban-  
darra, e também nas quadras de Nostra-  
damus. Esse futuro é sermos tudo»

(Fernando Pessoa)



«Ninguém é profeta na sua terra», costuma-se dizer.

No entanto, Gonçalo Annes, o Bandarra, foi tomado como profeta na sua própria terra, Trancoso, e em todo o País, sem qualquer dificuldade. E com uma fama tal que dura até aos nossos dias.

«Ouvi dizer que as Profecias do Bandarra vão ser reeditadas...» — de vários lados, e quase simultaneamente, nos chegaram estas vozes, estes anúncios. Investigámos e nada conseguimos saber: era um «boato». Mas era também uma espécie de convite, muito mais do que simples sugestão. Sentimo-nos obrigados a aceitar essa missão. Até porque sabíamos de antemão que muita gente esperava por este livro. Ontem, como hoje, há ainda quem espere encontrar nestas trovas uma chave para o futuro. E nunca, como hoje, foi necessário saber que futuro nos está reservado...

E, depois, há livros que estão carregados de fascínio e de mistério — o de S. Cipriano (que muitas pessoas ainda agora receiam ler...) é um desses casos. Como o será também este que reeditamos.

Livro que só pela «infeliz» sorte de ter sido escrito em português é que não podia rivalizar com o de Nostradamus, seu contemporâneo (o nosso «profeta» morre em 1545<sup>1</sup>, segundo consta no seu epitáfio, e o francês em 1566) — eis uma perspectiva que convém não perder de vista.

Simplesmente, os seus destinos e os das respectivas obras seriam bem diferentes: Nostradamus continua ainda a ser comentado e «decifrado», sem que a última palavra tenha sido dita; Bandarra, muito mais humilde, até obscuro, entrou na aura do mito e por aí ficou, pelo menos desde que D. João de Castro e António Vieira o consagraram. Uma vez entronizado, colocado nos altares, o mito não autorizou que mais ninguém se aproximasse das «Trovas» com olhar crítico, sem ser obrigado a descobrir nelas o perfume da profecia.

E também nós não o faremos aqui.

---

<sup>1</sup> No entanto, Barbosa Machado, na Biblioteca Lusitana, indica que a sua morte ocorreu forçosamente depois de 1556, visto que D. João de Portugal, bispo da Guarda, a quem as «Trovas» são dedicadas, só foi provido naquela diocese em 1556.



«Não foi santo nem herói,  
Mas Deus sagrou com Seu sinal  
Este, cujo coração foi  
Não português mas Portugal»

(F. Pessoa, «Mensagem»)

## SOBRE O BANDARRA

Acerca desta questão, como de todo o problema do Sebastianismo, praticamente toda a informação se encontra reunida nas obras de Sampaio (Bruno) e de Lúcio d'Azevedo, respectivamente «O Encoberto» e «A Evolução do Sebastianismo».

Só nos resta, portanto, resumir aqui os principais dados que fazem um pouco de luz sobre a figura, afinal tão enigmática, do nosso Bandarra.

Pouco se sabe hoje desse curioso personagem. Sapateiro exercendo a sua profissão em Trancoso, teria vivido entre uma data ainda ignorada e 1545 (ou 1556, conforme outra versão). De acordo com Lúcio d'Azevedo, «a sua psicologia era estranha». Humilde de posição, bisonho, «mais para ser ovelheiro que para falar palavra alguma da razão natural», maravilhava pelo conhecimento da Escritura a seus ouvintes, a quem parecia já «um grandíssimo teólogo» (segundo o depoimento de Jorge Fernandes no processo inquisitorial). «Não se cuide, porém, fosse sujeito despido em absoluto de letras, como se usa representá-lo. Lia e escrevia, o que para o seu tempo e condição não era pouco. De memória agudíssima, sabia de cor muito da Bíblia, que em oito ou nove anos não cansara de reler (...) e, pelo saber que tinha dela, acabara por ser para os Judeus encobertos uma espécie de rabi, comparável na humildade do ofício mecânico aos mais afamados doutores da lei. A pobre loja vinham consultá-lo sobre a interpretação dos textos, e a realização que esperavam das profecias. Quando, restituída ao dono a Bíblia, lhe falhava a memória, recorria a dois indivíduos letrados da terra, doutor Álvaro Cardoso e padre Bartolomeu Rodrigues, que lhe liam, vertida do latim, a parte sobre que versava a consulta, e a atenção deles mostra que também entre a gente conspícua

o não menosprezavam. Os que lhe solicitavam as explicações recebiam-nas com o respeito devido aos oráculos».

Este apreço que rodeava o Bandarra seria muito especial entre os cristãos novos, «em cuja sociedade vivia». Efectivamente, os Judeus de Trancoso, de Lisboa ou de todo o reino, que passavam por um momento de particular efusão do Messianismo, encontravam no pobre sapateiro (que não era Judeu, tanto quanto se conseguiu averiguar) um porta-voz das suas aspirações, uma voz profética, toda ela inspirada nos seus próprios textos sagrados — embora não partilhassem a conclusão «Todos (...) servirão um só senhor / Jesus Cristo que no meio»...

As «Trovas» surgiam, assim, com todos os predicados de um texto «profético e «messiânico», e era natural que os Judeus deste reino fossem dos seus mais entusiásticos divulgadores: «Na Beira foi onde mais se difundiram as cópias, não pela vizinhança do autor, mas porque lá justamente abundava a gente hebraica» (citamos ainda Lúcio d'Azevedo).

De espalhar a boa nova da fama do Bandarra se encarregaram os Judeus — e a primeira cópia das «Trovas» teria sido trasladada por um tal Heitor Lopes, «converso, tosador, vizinho de Trancoso».

Mas foi precisamente essa divulgação da obra que trouxe desgraça ao autor: uma das cópias posteriores acabou por ir parar às mãos de Afonso de Medina, desembargador da Mesa da Consciência. Bandarra foi preso e trazido para Lisboa.

Inicialmente suspeito de Judaísmo, acabou por ser ilibado dessa culpa. Mesmo assim foi levado a auto-de-fé, durante o qual abjurou dos seus «erros» e obrigou-se a nunca mais escrever, ler ou divulgar assuntos referentes à Bíblia. Na sentença inquisitorial podemos ler:

«... que publicamente declare sua tenção acerca das Trovas que tem feito (...) e que daqui por diante se não entremeta mais a responder nem escrever em nenhuma coisa da Sagrada Escritura, nem tenha nenhuns livros da mesma, salvo sendo o «flos sanctorum» ou «evangeliorum» sòmente, e fa-

zendo o contrário será castigado como o caso merecer, e se publicará que qualquer pessoa que tiver as ditas Trovas as apresente à Santa Inquisição, dentro de três dias que vier a sua notícia e o que puder fazer».

A partir dessa altura (estamos no ano de 1545), Gonçalo Anes (ou Yannes, Eanes, Annes) recolhe ao anonimato, desaparece aparentemente da cena pública e das «bocas do mundo» até à sua morte, ocorrida nesse mesmo ano, de acordo com o seu epitáfio. Isto, pelo menos, é o que chegou até nós.

No entanto, a semente lançada pelas «Trovas» iria frutificar abundantemente durante o auge do Sebastianismo, ou seja, no período que precede a restauração da independência. Acima de toda a literatura sebastianista prevalece o prestígio das Trovas e do seu autor, dado como «profeta nacional». E a tal ponto que no próprio dia da aclamação solene de D. João IV a imagem do Bandarra foi exposta num altar da Sé, com o consentimento do arcebispo e perante o silêncio do mesmo Santo Ofício que o tinha condenado cerca de um século antes...

Verificamos, portanto, que cem anos depois da sua condenação, Bandarra e as «Trovas» tinham conquistado a glória, mesmo apesar da Inquisição e da influência dos seus inimigos. Só que Gonçalo Anes estava morto e enterrado. Mal enterado, pelos vistos, já que os seus ossos foram então transferidos do cemitério de Trancoso para um túmulo, mais apropriado à sua dignidade de «profeta», na sua própria terra natal. D. Álvaro de Abranches, governador das armas da Beira, mandou construir o túmulo e o governador João de Saldanha de Sousa ordenou que nele se afixasse a seguinte inscrição (mais tarde mandada apagar por ordem inquisitorial): «Aqui jaz Gonçaliannes Bandarra<sup>1</sup> natural desta vila, que profetizou a restauração deste Reino, e que havia de ser no ano de seis-

<sup>1</sup> Segundo D. B. Soares Moreira, «Bandarra» seria uma «deturpação de Van de Arraz».



centos e quarenta por el-rei D. João o quarto nosso senhor que hoje reina, faleceu na era de mil e quinhentos e quarenta e cinco».

Foi um dos seus descendentes, Miguel Dias Bandarra, quem acabou, afinal, por beneficiar mais (e em vida) com a glória do seu antepassado ilustre: o rei concedeu-lhe a graça de uma administração de capela.

## TRANCOSO TERRA DE «LETRADOS»

Apenas duas palavras sobre Trancoso, a vila que viu nascer o Bandarra e por alguns chamada a «pátria» do Sebastianismo.

É considerada também, e justamente, como uma das nossas vilas mais características, com o seu ar medieval, o seu castelo templário, o seu desenvolvimento devido à acção dos reis afonsinos, que por ali passavam e ficavam temporariamente.

É uma presença da nossa História mais antiga a marcar a Beira independente e ciosa dos seus direitos. Durante séculos, Trancoso foi a chave da passagem entre o Norte e o Sul, nessa zona do País. E por isso foi disputada a preço de sangue por cristãos e muçulmanos.

Junto da Igreja de S. Pedro, onde os restos do Bandarra encontraram abrigo, existem «numerosas casas com um tipo diverso da outra parte da vila. Casas pequenas com duas portas, uma larga para dar entrada às mercadorias e ao lado outra estreita para entrada da habitação: era a antiga Judia-ria. A raça judaica durante muitos séculos teve em Trancoso um poderoso centro de comércio e só com as perseguições é que conseguiram acabar com a sua influência na vida económica da região, empobrecendo o seu movimento e a vida local e importância da vila sobre os povoados em volta pertencentes ao concelho». «Trancoso tinha (em 1364) o seu bairro judaico apartado, mas o isolamento era recente».

Anteriormente ao século XIX encontramos igualmente notícia de numerosas igrejas em Trancoso, muitas delas depois sacrificadas à «civilização».

Trancoso assistiu, em Junho de 1282, ao casamento de D. Diniz. Nessa altura a vila foi doada a D. Isabel, para dela usufruir enquanto o rei fosse vivo.

Além da sua importância como local de acontecimentos da História geral, Trancoso foi ainda berço de literatos e polí-

ticos: padre João de Lucena, que escreveu uma biografia de S. Francisco Xavier; padre António de Almeida, missionário na China, que descreveu nas suas cartas; Afonso de Lucena, jurista que defendeu os direitos da Casa de Bragança à Coroa de Portugal; Francisco de Lucena, secretário de Estado de D. João IV; Gonçalo Fernandes Trancoso, autor dos «Contos e Histórias de Proveito e Exemplo», «uma das obras mais lidas nos finais do século XVI e ao longo dos nossos séculos XVII e XVIII»; e, claro, o próprio Bandarra. Ou seja, o suficiente para crismar de legítimo orgulho os seus habitantes de ontem e de hoje.

## DOIS DEFENSORES

Vivo ou morto, mesmo ainda hoje, Bandarra teve sempre numerosos admiradores e defensores do valor e da qualidade «profética» da sua obra. Mas dois desses defensores se destacaram pela sua importância: D. João de Castro e o padre António Vieira.

O primeiro, «corifeu do Sebastianismo», como lhe chamou Lúcio d'Azevedo, era filho natural de D. Álvaro de Castro, ou seja, era neto do célebre vice-rei da Índia. Discípulo dos Jesuítas em Évora, foi primeiramente partidário de D. António, prior do Crato, e acabou por encontrar no Sebastianismo a razão de ser da sua vida.

Leitor atento e conhecedor dos «profetas» e «profecias» que passavam de mão em mão nessa altura, em Portugal e no resto da Europa, D. João de Castro salienta entre todos eles o nosso Bandarra:

«O principal de todos que mais profetizou, deixando suas profecias em escrito, foi um homem de baixa sorte, sapateiro de Trancoso, vila de Portugal, ensinando-nos Deus por estas suas eleições quanto se lembra sempre de pequenos para confusão do costume do mundo, não se desprezando por tais meios manifestar-lhe suas grandezas, como se ele corre e despreza crer-lhe por esses tais. Floresceu haverá cinquenta ou sessenta anos pouco mais ou menos deixando grandes mistérios profetizados, a que todos comumente chamam as trovas do Bandarra, por esta ser a sua alcunha, e ele profetizar em certo género de verso português, que propriamente se chama trova. Não sabia ler nem escrever, o qual compôs estas trovas tão bem feitas em seu género que nenhum famoso poeta português querendo meter noutros algumas profecias sagradas ou quaisquer se lhe pudera na perfeição delas igualar, porque não tem palavra que sobeje nem fora do seu lugar, ou consoante que se sinte: sendo mui faceis e correntes de mui excelente lin-

guagem, mui cortesãmente dita, ornada de mil figuras de eloquência, sendo a parte donde era e onde morava das mais impolidas do reino para se bem falar: de modo que em semelhante sujeito e metro só o Espírito que por ele as fez e não outrem as poderá quando quiser fazer. Foram mui trasladadas e espalhadas de mão por todo o Portugal, com serem as mais delas escuríssimas e entenderem muito poucos muito pouco delas».

E ainda:

«Tudo isto revela um espírito desequilibrado; mas pôde já-mais alguém volver-se apóstolo sem lhe ter a embriaguez da ideia desconcertado, muito ou pouco, a plácida simetria da razão?»

E é principalmente tomando como ponto de partida as «Trovas», e o significado «oculto» que julga aí descobrir, que D. João de Castro vai construir a sua teoria: D. Sebastião era o «Encoberto», futuro imperador do mundo, e por esse motivo ainda se encontraria vivo. Não vamos, como já avisámos, acompanhá-lo nessas divagações, que escapam evidentemente ao nosso propósito. Interessa-nos apenas pôr em relevo a importância que ele atribui ao Bandarra e às «Trovas», que considerava realmente «proféticas». Sobre elas escreve, em 1603, «Paráfrase e concordância de algumas profecias de Bandarra», livro que ficou célebre precisamente por se tratar do primeiro comentário àquele texto e por reproduzir, impressas pela primeira vez, algumas estrofes, das quais procura explicar o sentido «oculto» ou «encoberto».

O outro grande defensor de Bandarra foi o padre António Vieira.

Sebastianista, como toda a Companhia de Jesus em Portugal, Vieira era, além disso, um crente na verdade «profética» das «Trovas» de Bandarra.

A este respeito vale a pena consultar o volume VI das suas «Obras Escolhidas», que contém o texto «Esperanças de Portugal, Quinto Império do Mundo», assim como as peças

do seu processo na Inquisição, em que ele volta a afirmar a sua fé nas «profecias» de Bandarra.

E escreve:

«Bandarra foi verdadeiro profeta, pois profetizou e escreveu tantos anos antes tantas cousas, tão exactas, tão miúdas e tão particulares, que vimos todas cumpridas com nossos olhos»; «não só profetizou e declarou Bandarra as cousas que haviam de ser, e o tempo em que haviam de ser, senão também os tempos e conjunções em que não haviam de ser»; «as quais profecias já cumpridas, se bem se distinguirem e contarem, achar-se-á que são mais de cinquenta, afora infinitas outras cousas que delas dependem e com elas se envolvem. E todas conheceu e anteviu Bandarra»; «por nenhuma ciência, nem humana, nem diabólica, nem angélica, podia conjecturar Bandarra a mínima parte do que disse, quanto mais afirmá-lo com tanta certeza, escrevê-lo com tanta verdade e individuá-lo com tanta nitidez» (...) «Foi logo lume sobrenatural, profético e divino, o que alumiou o entendimento deste homem idiota e humilde»; «É certo que só Deus podia dizer e revelar ao Bandarra todos estes futuros e qualquer deles, e com a mesma certeza se deve ter e afirmar que foi o Bandarra verdadeiro profeta»; «tão grande intérprete das Escrituras»; «quis provar que o Bandarra fora verdadeiro profeta»; «e as ditas «Trovas» combinam grandemente com as profecias dos santos e opinião dos doutores acima referidos».

Claro que todas estas afirmações acabariam por trazer inevitáveis problemas ao padre António Vieira, que se viu a contas com a Inquisição.

Mesmo mais tarde, o marquês de Pombal mandou, através de um edital da Mesa Censória, destruir pelo fogo (já que o não podia mandar fazer ao próprio António Vieira) o «Eco das vozes saudosas», que incluía a «Carta Apologética ao padre Isquafigo», na qual o autor se referia ao Bandarra, chamando-lhe mais uma vez profeta.



«Nenhum livro se proibiu tantas vezes.  
E todavia nunca foi raro. A fé dos crentes  
prevaleceu ao temor das penas.»

(Lúcio d'Avezedo)

## VENTURAS E DESVENTURAS DE UM LIVRO

A primeira vez que as «Trovas» foram impressas na sua totalidade foi em 1644, por iniciativa de «um grande senhor de Portugal», o conde da Vidigueira e marquês de Nisa, embaixador em Paris, que as mandou imprimir em Nantes, e à sua custa.

No entanto, antes dessa edição da obra completa há que referir outra: a de D. João de Castro, que publicou parte das estrofes no seu livro «Paráfrase e concordância de algumas profecias de Bandarra» (1603).

A verdadeira fama das «Trovas» só foi conquistada mais tarde, durante o período da restauração, quando os pregadores, celebrando a aclamação de D. João IV, afirmavam do alto dos púlpitos que as «Trovas» eram realmente profecias, ditadas por um profeta verdadeiro, o Bandarra. Nessa altura as «Trovas» vendiam-se publicamente, ignorando a decisão do Santo Ofício. E a sua citação tornara-se obrigatória em todos os livros que defendiam a independência nacional (livros que a Inquisição aprovava sem reticências).

Mas a carreira acidentada das «trovas» ainda mal tinha começado: em 1665 voltaram de novo a ser proibidas pela Inquisição, que condenava também novamente o seu autor, mesmo depois de morto. Em 1727, outra vez a Inquisição voltou à carga contra o livro, ordenando que fosse apreendido juntamente com outras «profecias».

Também no século XVIII, no tempo de D. João V, apareceu outra série de «Trovas» atribuídas ao Bandarra, que se dizia terem sido encontradas em 1729, escondidas numa parede da capela-mor da Igreja de S. Pedro, em Trancoso. Tratava-se do apócrifo «Terceiro corpo». O «Segundo corpo», também apócrifo, anterior à restauração, dizia-se extraído de cópias que o cardeal D. Nuno da Cunha dera ao Provincial dos Eremitas de Santo Agostinho.

No século XIX continua a ser dada grande atenção ao texto de Bandarra: uma edição suposta de Barcelona em 1809; outra de Londres em 1810 («Bandarra descoberto nas suas trovas, colecção de profecias mais notáveis, respeito à felicidade de Portugal, e caída dos maiores impérios do mundo», comentário às trovas do «Terceiro corpo»); e uma de 1816, «Trovas inéditas de Bandarra natural da Vila de Trancoza (sic) que existiam em poder de Pacheco contemporâneo de Bandarra e que se lhe acharam depois da sua morte» (a introdução é assinada por um «leal português»). Em 1833 houve uma edição em Lisboa, «Verdade e complemento das profecias do servo de Deus Gonçalo Anes Bandarra, achada em 1729». Em 1852 publica-se no Porto uma «Explicação do terceiro corpo das profecias de Gonçalo Yannes de Bandarra, começadas a verificar no reinado do Sr. D. João V, e acabadas no reinado do Sr. D. Pedro IV».

A edição «de Barcelona», entretanto naturalmente esgotada, foi repetida em 1866. Impressa no Porto, pela Imprensa Popular de J. L. de Sousa, promete algumas trovas «nunca até ao presente impressas».

E já perto de nós, em 1911, a Livraria Universal, de Lisboa, editou «Profecias de Gonçalo Anes de Bandarra sapateiro de Trancoso, nova edição, conforme as anteriores, seguida das «Trovas» do mesmo autor» — livrinho sem dúvida curioso mas em que é já muito difícil determinar com exactidão o que teria sido original e o que pertence apenas à fantasia dos editores.

Para esta nossa reedição decidimos utilizar o texto da edição do Porto de 1866, que se diz ser uma cópia «da que em 1809 se imprimiu em Barcelona e que hoje é muito rara». Esta, por sua vez, teve como base a de 1644, primeira edição completa da obra de Bandarra. Procurámos, assim, aproximarmos o mais possível do texto original. Mas sem termos ilusões — é hoje impossível dizer qual era realmente o texto original, tal como foi criado pelo próprio Bandarra...

Efectivamente, verificamos que, para além das trovas «autênticas» (já de si alteradas pelos que as transcreveram e pelos

comentadores) ainda surgiram nos séculos seguintes um segundo e um terceiro «corpos» e, depois, as quarta, quinta e sexta «partes», tudo isso escrito por «continuadores» da tarefa do «sapateiro-profeta». As «Trovas» aparecem-nos, então, como uma espécie de «obra colectiva», passando Bandarra a ser um nome simbólico ou de mera referência...

E é nesse sentido que tem para nós importância menor tentar determinar (e como o faríamos?) com precisão qual o texto original das «Trovas». Até nós chegou uma obra de carácter colectivo. É assim que a devemos ler e interpretar.



## PROFETAS E PROFECIAS

Vimos já como os seus admiradores insistem em chamar profeta ao Bandarra e em considerar as «Trovas» dotadas de qualidade profética.

No entanto, «profecia» é uma palavra que se devia aplicar somente aos anúncios de acontecimentos futuros, contidos nos livros sagrados das diferentes tradições.

A palavra que convém a casos como o das «Trovas» é «predição».

As predições são sempre «um meio de sugestão directa que contribui para determinar a produção de certos acontecimentos futuros» (Guénon). Em certas épocas propícias chegam a atingir o aspecto de verdadeiras epidemias psíquicas, aumentando a desordem e semeando a perturbação. Acabam sempre por criar certo «estado de espírito», nitidamente favorável à realização de «qualquer coisa» — e esse foi o papel fundamental das «profecias» de Bandarra na difusão do Sebastianismo, que viria a ter como efeito lógico a restauração da independência, em 1640.

Mas poderão as «predições» ser sempre consideradas «fraudes»? Guéron responde-nos que não. Por vezes têm um fundo de autenticidade — «o que há nelas de autêntico provém quase apenas de «videntes» sinceros mas pouco «esclarecidos», que se aperceberam de coisas confusas relacionadas com um futuro mal determinado. Não será difícil encontrar aí quase tudo o que se quiser». Por esse motivo é que «devemos sempre desconfiar, não das predições, mas sim das suas interpretações erróneas ou tendenciosas».

Mesmo quando se trate de verdadeiras profecias há que tomá-las com as devidas cautelas: nenhuma profecia complexa deverá ser tomada completamente à letra, salvo pelos seus factos essenciais e pelo sentido geral do processo — Deus reserva-se sempre modalidades imprevisíveis. E, quanto à sua realização, «só Deus sabe a hora».

Por outro lado, a própria linguagem profética acumula em si duas ou mais ordens diferentes, mas análogas, o que complica ainda mais a sua decifração.

Portanto, apesar de tudo quanto afirmam exegetas como o padre António Vieira, as «Trovas» não devem ser encaradas como «profecias» mas sim como «predições».

Pelo que também ao seu autor não se lhe pode chamar «profeta» — o último dos Profetas, o Selo da Profecia, foi Muhammad, que viveu cerca de mil anos antes do Bandarra...

O «profetismo» foi, aliás, um fenómeno assaz importante no século xvi, não apenas em Portugal (onde se distinguiram nomes como os do Sapateiro Simão Gomes, do Alfaiate Luis Dias ou os dos judeus Isaac Abravanel e David Rubeni) mas também na Europa. É que essa foi uma época de caça às bruxas e a todos os heréticos, uma época de repressão extremamente violenta, com o gosto do sangue espalhado por toda a parte, mesmo onde não havia Inquisição — e curiosamente tudo isso coincidiu com um renascer da esperança num mundo melhor, que daria origem ao aparecimento de uma vaga de «profetas» e de «profecias».

Voltando às nossas «Trovas», e para concluir estas observações muito breves, diremos que, à maneira do que aconteceu com outro livro enigmático (o de S. Cipriano) foi-se criando à sua volta uma aura de emoção e até de mistério que não se perdeu com o rolar das esferas do tempo. A explicação dessa fama talvez se encontre no facto de a noção de decadência nacional, que existia já no tempo do Bandarra, ter perdurado (ou mesmo aumentado) até aos nossos dias. E nos versos «inspirados» encontraria o leitor remédio para o desespero, motivo de esperança em melhores dias para este País.

Nesta altura viria a propósito citar a questão do Sebastianismo, se ela não excedesse irremediavelmente o âmbito deste livro e destas notas. Aliás, as «Trovas» constituem, nesse aspecto, uma espécie de «introdução ao Sebastianismo».

*António Carlos Carvalho*



PRINCIPAL BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

- «O Encoberto», de José Pereira de Sampaio (Bruno)  
«A Evolução do Sebastianismo», de Lúcio d'Azevedo  
«Mensagem», de Fernando Pessoa  
«D. Sebastião e o Encoberto», de António Machado Pires  
«Obras Escolhidas», do padre António Vieira  
«Terras de Trancoso», de David Bruno Soares Moreira  
«Contos e histórias de proveito e exemplo», de Gonçalo Fernandes Trancoso



TROVAS  
DO  
BANDARRA

dedicatória  
a Dom João de Portugal, bispo da Guarda

SENTE BANDARRA  
AS MALDADES DO MUNDO  
E PARTICULARMENTE  
AS DE PORTUGAL

I

Como nas Alcaçarias  
Andam os couros às voltas,  
Assim vejo grandes revoltas  
Agora nas Cleresias.

II

Porque usam de Simonias  
E adoram os dinheiros,  
As Igrejas, pardieiros,  
Os corporais por mais vias.

III

O sumagre com a cal  
Faz os couros ser mociços,  
Ah! quantos há maus noviços  
Nessa Ordem Episcopal.

## IV

Porque vai de mal a mal  
Sem ordem nem regimento,  
Quebrantam o mandamento,  
Cumprem o mais venial.

## V

Também sou oficial  
Sei um pouco de cortiça  
Não vejo fazer justiça  
A todo o mundo em geral.

## VI

Que agora a cada qual  
Sem letras fazem Doutores,  
Vejo muitos julgadores,  
Que não sabem bem, nem mal.

## VII

Borzeguins para calçar  
Hão-de ser de cordovães.  
Notários, Tabaliães  
Tem o tento em apanhar.

## VIII

Vê-los-eis a porfiar  
Sobre um pobre ceitel,  
E rapar-vos por um mil  
Se vo-los podem rapar.

## IX

Também sei algo brunir  
Quaisquer laços de lavoires:  
Bacharéis, Procuradores  
Aí vai o perseguir.

## X

E quando lhe vão pedir  
Conselho os demandões,  
Como lhe faltam tostões,  
Não os querem mais ouvir.

## XI

Há-de ser bem assentada  
A obra dos chapins largos,  
A linhagem dos Fidalgos  
Por dinheiro é trocada.

## XII

Vejo tanta misturada  
Sem haver chefe que mande;  
Como quereis, que a cura ande,  
Se a ferida está danada?

## XIII

Tenho uma gentil sovela,  
Com que coso mui direito:  
Se a mulher não desse jeito,  
Não olhariam para ela.

XIV

Em que seja uma donzela  
Nobre, casta e oradora  
Ela é a causadora,  
Do que acontecer por ela.

XV

Sei também mui bem coser  
Uns borzeguins Cordoveses;  
Todos os trajos Franceses  
Quem quer os quer já trazer.

XVI

Os que não têm que comer  
Fazem trajos mui prezados,  
Ficam pobres, Lazarados  
Por outros enriquecer.

SONHO PRIMEIRO



QUE FINGE A MODO PASTORIL

XVII

Vejo, vejo, direi, vejo  
Agora que estou sonhando,  
Semente d'El-Rei Fernando  
Fazer um grande despejo.

XVIII

E seguir com grão desejo,  
E deixar a sua vinha,  
E dizer esta casa é minha  
Agora que cá me vejo.

XIX

A cerca dos Grecianos  
Corrê-la-ão os Latinos,  
Serão contrários os signos  
A todos os Arrianos.

XX

Também os Venezianos  
Com as riquezas que tem,  
Virá o Rei de Salem  
Julgá-los-á por mundanos.

XXI

Já os lobos são ajuntados  
D'alcateia na montanha,  
Os gados tem degolados,  
E muitos alobejados  
Fazendo grande façanha.

XXII

O Pastor Mor se assanha:  
Já ajunta seus ovelheiros  
E esperta sua companha  
Com muita força, e manha  
Correrá os pegureiros.

XXIII

Depois já de apercebidos,  
E as montanhas salteadas  
Por homens muito sabidos,  
E pastores mui escolhidos,  
Que sabem as pisadas.

XXIV

Armar-lhe-ão nas passadas  
Trampas, cepos de azeiros,  
Atalaias nas estradas.  
E béstas nas ameijoadas  
Com tiros muito ligeiros.

FIGURAS DO SONHO

XXV

Virá o Grande Pastor,  
Que se erguerá primeiro,  
E Fernando tangedor,  
E Pedro bom bailador,  
E João bom ovelheiro.

XXVI

E depois um estrangeiro,  
E Rodoão que esquecia,  
E o nobre pastor Garcia,  
E André mui verdadeiro:  
Entrarão com alegria.

PASTOR MOR

XXVII

Aquela vaca, que berra,  
Porque está assim berrando?

ANDRÊ

XXVIII

É porque desce da serra,  
Não conhece bem a terra,  
E por isso está bramando.

XXIX

Esta é a vaca, Fernando,  
Mais do grão touro fuscado,  
Que não se acha neste bando,  
Tem razão de estar berrando,  
Que não sabe onde é lançado.

PASTOR MOR

XXX

Ajunte-se o vacum  
Aqui neste verde prado,  
E também o ovelhum,  
E conte o seu cada um,  
Ver-se-á a quem falta gado.

PEDRO

XXXI

Todo já tendes contado,  
Do vacum achamos menos:  
Um touro esmadrigado,  
E um fuso, que era rosado;  
Do ovelhum nada sabemos.

PASTOR MOR

XXXII

Oh! que dor do coração!  
Oh! que dor! Oh! que pesar!  
Oh! que grão tribulação!  
Arredemos a paixão,  
Pois se não pode cobrar.

XXXIII

Seus filhos devemos criar,  
Os quais mui bem guardaremos,  
Ficarão em seu lugar,  
Tudo lhe havemos de dar  
Pelo bem, que lhe queremos.

XXXIV

Por honra de tal memória  
Não haja aqui mais tristura,  
Antes cantemos com glória,  
Que fique sempre em memória  
Aprovando a Escritura.

XXXV

Pois se cumpra a figura,  
E nós outros bem o vemos:  
Pois que já tudo se apura,  
Ao Senhor da altura  
Com prazer mil graças demos.

## XXXVI

Tanja-se a frauta maior  
 Ajunte-se todo o rebanho,  
 E eu como vosso Pastor,  
 Com mui grão sobra de amor  
 Vamos partir o ganho.

## XXXVII

Tudo nos é sufraganho  
 Montes, vales e pastores,  
 E repunham os bailadores,  
 Que não entre aqui estranho.

## XXXVIII

Fernando tanja a guitarra,  
 Tu, João, o arrabil,  
 Pousa teu surrão, e vara,  
 Alegria bem tua cara,  
 Em tal bailo pastoril.

## XXXIX

E Pedro, que é mais subtil  
 Entre, e baile com Florença,  
 Já que é dama gentil,  
 É mui bem que lhe pertença.

## XL

André baile com Pasquala,  
 E venha após a primeira,  
 Antes de meter mais fala  
 Entre, e baile esta zagala,  
 Em que sempre é referteira.

## XLI

Sempre foi mui agoureira  
 Com os estranhos dançar  
 E pois está tão cantadeira,  
 Não seja ela a derradeira,  
 Venha logo a bailar.

## XLII

Há-de ser mui de louvar  
 Este auto, que aqui temos,  
 E a todo que bailar  
 Hão-lhe muito bem de pagar  
 E assim lho prometemos.

## XLIII

Sus! antes de mais extremos  
 Baile Fernando, e Constança,  
 E pois que tudo já vemos,  
 Pelo bem que lhe queremos  
 Seja ele o mestre de dança.



XLIV

João, o bom ovelheiro,  
Sempre foi nobre Pastor,  
Não se conte derradeiro,  
Pois é igual ao primeiro,  
Este baile com Leonor.

XLV

Sempre foi bom guardador  
Do gado, que lhe entregaram,  
Mui grande acometedor,  
E mui grande corredor  
Dos lobos, que o acoçaram.

XLVI

Por não ficar em olvido  
O nobre Pastor Garcia,  
Que sempre foi atrevido,  
E de nós muito querido,  
Este baile com Mecia.

XLVII

Pois é de alta valia,  
Dêmos-lhe outro montado,  
O monte que reluzia,  
Aonde faça a bailia,  
E paste bem o seu gado.

RODOÃO

XLVIII

Todos já tendes partido,  
Todos os montados dais,  
Eu que fui de vós querido,  
E dos lobos mui ferido,  
De mim já vos não lembrais?

PASTOR MOR

XLIX

Ainda fica mais, e mais,  
Vossos gados pastarão  
Ficam terras de chão tais  
Os vales, e piornais,  
Tudo vos dou, Rodoão.

L

Também ficam umas ladeiras  
De ervas mui saboridas  
Donde saem umas ribeiras  
Que regam muitas lameiras  
Com águas esclarecidas.

LI

Aquelas serras erguidas,  
Onde está a nobre montanha,  
Pois por nós foram havidas  
E até agora perdidas,  
Fiquem a toda a companhia.

LII

Aquele vale de além  
É o vale de Salem,  
Onde acho que muitos tem  
Grande virtude, e valor.

GARCIA

LIII

Já mataram o grão Pastor,  
Por inveja o mataram:  
Porque era bom guardador  
Das ovelhas bom criador;  
Por cobiça o acabaram.

FERNANDO

LIV

Os bailos são acabados,  
Senhor, vamos a jantar.  
Que dos trabalhos passados  
Muitos há aqui desmaiados,  
Que convém de repousar.

LV

Se algo lhe quereis dar,  
Sobre mesa lhe daremos,  
Onde bem pode mandar,  
E o seu gado bem pastar,  
Que assim por bem o temos.  
Cai no bailo de João.

PEDRO

LVI

Também lá naquela altura  
Está um lobo uivando,  
E no meio da espessura  
Um bufo está bufando,  
E um mocho está cantando,  
E André está sentindo  
Não bailar como Fernando.

JOÃO

LVII

Também Pedro, por quem procuro,  
É um barão singular,  
Que no claro, e no escuro  
Sempre bailou mui seguro,  
E há-de ficar sem lhe dar?

PASTOR MOR

LVIII

Pois vá o ele cercar,  
E far-lhe-ão grandes danos;  
I-lo-emos ajudar,  
Até poder sujeitar  
Os cavalos Marianos.

LIX

Ao redor da grão cabana  
Naqueles montes erguidos,  
No vale que se diz Cana,  
Ouvimos esta semana,  
Lobos que andam fugidos,  
Dando grandes alaridos,  
Fazendo grande agonia,  
Muitos mortos, e feridos,  
E outros andam perdidos.  
Caem no bailo de Garcia.

PASTOR MOR

LX

Quem mete ao estrangeiro  
Cá no meu nobre assento,  
Pois o defendi primeiro,  
Pois que do meu vencimento  
Lhe pesa mui por inteiro?

ESTRANGEIRO

LXI

Em que vos hei ofendido  
E de mim sois anojado?

PASTOR MOR

LXII

É porque te hei requerido,  
Mil vezes cometido,  
E tu sempre desmandado:  
E porque estás abraçado  
Com os meus competidores,  
E com eles aliado,  
Não mereces ter montado  
Com estes nobres Pastores.

LXIII

Tu me hás sido revel  
Contra os meus ovelheiros,  
Abraçado com Babel  
Mui descrido e cruel,  
Contra os meus pegureiros.  
Minhas ovelhas, carneiros,  
Não lhe tinhas lealdade  
Degolavas meus cordeiros,  
Derrubavas meus chiqueiros,  
Negavas-me a verdade.

ANDRÉ

LXIV

Ide-vos, Pastor, mui embora,  
Grande mercê nos fareis,  
Que vos vades logo essa hora,  
E depois que fordes fora,  
Alguma razão tereis.

JOÃO

LXV

Para aqui vos saireis,  
Mentes o Pastor dá volta,  
Que depois não podereis  
E quiçais nos metereis  
Nalguma grande revolta.

FERNANDO

LXVI

Não te queiras mais deter,  
Busca jogos, e harmonias,  
Por onde tomes alegrias  
Antes que hajam de volver.  
Oh! Senhor, tomei prazer  
Que o grão Porco selvagem  
Se vem já de seu querer,  
Meter em vosso poder  
Com seus portos, se passagem.

LXVII

Em os campos de Tropé  
Vossa fruta tangereis  
E nas terras de Tomé  
E nas terras de Tomé,  
Todos nelas bailareis,  
Com os filhos de Ulisse,  
Que gostam nosso tanger.  
Nenhum porco roncará,  
Nenhum lobo uivará  
Senão por vosso querer.

*Prognostica o autor os males de Portugal,  
canta suas glórias com a aclamação  
do Rei Encoberto*

LXVIII

Forte nome é Portugal,  
Um nome tão excelente,  
È Rei do cabo poente,  
Sobre todos principal.  
Não se acha vosso igual  
Rei de tal merecimento:  
Não se acha, segundo sento,  
Do Poente ao Oriental.

LXIX

Portugal é nome inteiro,  
Nome de macho, se queres:  
Os outros Reinos mulheres,  
Com ferro sem azeiro;  
E senão olha primeiro,  
Portugal tem a fronteira,  
Todos mudam a carreira  
Com medo do seu rafeiro.

## LXX

Portugal tem a bandeira  
 Com cinco Quinas no meio,  
 E segundo vejo, e creio,  
 Este é a cabeceira,  
 E porá sua cimeira,  
 Que em Calvário lhe foi dada,  
 E será Rei de manada  
 Que vem de longa carreira.

## LXXI

Este Rei tem tal nobreza,  
 Qual eu nunca vi em Rei:  
 Este guarda bem a lei  
 Da justiça, e da grandeza.  
 Senhoreia Sua Alteza  
 Todos os portos, e viagens,  
 Porque é Rei das passagens  
 Do Mar, e sua riqueza.

## LXXII

Este Rei tão excelente,  
 De quem tomei minha teima,  
 Não é de casta Goleima,  
 Mas de Reis primo, e parente.  
 Vem de mui alta semente  
 De todos quatro costados,  
 Todos Reis de primos grados  
 De Levante até ao Poente.

## LXXIII

Serão os Reis concorrentes,  
 Quatro serão, e não mais;  
 Todos quatro principais  
 Do Levante ao Poente.  
 Os outros Reis mui contentes  
 De o verem Imperador,  
 E havido por Senhor  
 Não por dádivas, nem presentes.

## LXXIV

Comendadores, Prelados,  
 Que as Igrejas comeis,  
 Traçareis, e volvereis  
 Por honra dos Três Estados.  
 E os mais serão taxados;  
 Todos contribuirão  
 E haverá grão confusão  
 Em toda a sorte de estados.

## LXXV

Já o Leão é experto  
 Mui alerta.  
 Já acordou, anda caminho.  
 Tirará cedo do ninho  
 O porco, e é mui certo.  
 Fugirá para o deserto,  
 Do Leão, e seu bramido,  
 Demonstra que vai ferido  
 Desse bom Rei Encoberto.

## LXXVI

Uma porta se abrirá  
 Num dos Reinos Africanos,  
 Contrária aos Arrianos,  
 Que nunca se cerrará.  
 A vaca receberá  
 A nova gente que vem,  
 Com prazer de tanto bem  
 Seu leite derramará.

## LXXVII

A lua dará grão baixa,  
 Segundo o que se vê nela,  
 E os que têm lei com ela:  
 Porque se acaba a taixa.  
 Abrir-se-á aquela caixa,  
 Que até agora foi cerrada,  
 Entregar-se-á à forçada  
 Envolta na sua faixa.

## LXXVIII

Um grão Leão se erguerá,  
 E dará grandes bramidos:  
 Seus brados serão ouvidos,  
 E a todos assombrará;  
 Correrá, e morderá  
 E fará mui grandes danos,  
 E nos Reinos Africanos  
 A todos sujeitará.

## LXXIX

Passará, e dará bocado  
 Na terra da Promissão,  
 Prenderá o velho Cão,  
 Que anda mui desmandado.

## LXXX

De perdões, e orações  
 Irá fortemente armado,  
 Dará neles S. Tiago,  
 Na volta que faz depois.

## LXXXI

Entrará com dois pendões  
 Entre os porcos sedeúdos,  
 Com fortes braços, e escudos  
 De seus nobres infanções.

———/———

*Introduz o autor poeticamente dois judeus,  
que vêm buscar o Pastor Mor,  
um chamado Fraim e outro Dão,  
e acham Fernando ovelheiro à porta*

FRAIM

LXXXII

Dizei, Senhor, poderemos  
Com o grão Pastor falar?  
E daqui lhe prometemos  
Ricas jóias que trazemos  
Se no-las quiser tomar.

FERNANDO

Judeus que lhe haveis de dar?

JUDEUS

LXXXIII

Dar-lhe-emos grande tesouro  
Muita prata, muito ouro,  
Que trazemos de além-mar.  
Far-nos-eis grande mercê  
De nos dardes vista dele.

FERNANDO

LXXXIV

Entrai, Judeus, se quereis,  
Bem podeis falar com ele,  
Que lá dentro o achareis.

LXXXV

Tomará com seu poder,  
E grão saber,  
Todos os portos de além,  
Marrocos, e Tremecem,  
E Fez também:  
Fará tudo a seu querer,  
Vê-lo-ão a cometer  
Pelo deter,  
Que querem ser tributários,  
E lhe querem dar dinheiros,  
Lisonjeiros  
Os quais não deve querer.

LXXXVI

E depois da Embaixada  
Declarada,  
Antes que cerrem quarenta,  
Erguer-se-á a grão tormenta,  
Do que intenta,  
E logo será amansada,  
E tomarão a estrada  
De calada,  
Não terão quem os afoite,  
Dar-lhe-ão aquela noite  
Tal agoite,  
Que a Fé seja exalçada.

## LXXXVII

Já o tempo desejado  
 É chegado,  
 Segundo o firmal assenta:  
 Já se cerram os quarenta,  
 Que se ementa,  
 Por um Doutor já passado.  
 O Rei novo é alevantado,  
 Já dá brado;  
 Já assoma a sua bandeira  
 Contra a Grifa parideira,  
 Lá gomeira,  
 Que tais prados tem gostado.

## LXXXVIII

Saia, saia esse infante  
 Bem andante,  
 O seu nome é D. João,  
 Tire, e leve o pendão,  
 E o guião  
 Poderoso, e triunfante.  
 Vir-lhe-ão novas num instante  
 Dasquelas terras prezadas,  
 As quais estão declaradas,  
 E afirmadas  
 Pelo Rei dali em diante.

## LXXXIX

Não acho ser deteúdo  
 O agudo,  
 Sendo ele o instrumento,  
 Não acho, segundo sento  
 O excelente  
 Ser falso no seu Escudo.  
 Mas acho, que o Lanudo  
 Mui sezudo,  
 Que arrepelará o gato,  
 E far-lhe-á murar o rato,  
 De seu fato  
 Leixando o todo desnudo.

## XC

Não tema o Turco, não  
 Nesta sezão,  
 Nem o seu grande Mourismo,  
 Que não recebeu bautismo,  
 Nem o crismo,  
 É gado de confusão.  
 Firmal põe declaração  
 Nesta tenção,  
 Chama-lhes animais sedentos  
 Que não têm os mandamentos,  
 Nem sacramentos;  
 Bestiais são, sem razão.



## XCI

Em que venham mais, e mais,  
 Dos bestiais,  
 Pelo que mostra a figura,  
 Haverão a sepultura  
 Da amargura  
 Como brutos animais.  
 Que se o texto bem olhais,  
 E declarais  
 Com fundas serão feridos,  
 Todos mortos, confundidos  
 Nos abismos infernais.

## XCII

As chagas do rendentor,  
 E salvador  
 São as armas de nosso Rei:  
 Porque guarda bem a Lei,  
 E assim a grei  
 Do mui alto Criador,  
 Nenhum Rei, e Imperador,  
 Nem grão Senhor  
 Nunca teve tal sinal,  
 Como este por leal,  
 E das gentes guardador.

## XCIII

As armas, e o pendão,  
 E o guião  
 Foram dadas por vitória  
 Daquele alto Rei da Glória  
 Por memória  
 A um Santo Rei barão.  
 Sucedeu a El-Rei João,  
 Em possessão  
 O Calvário por bandeira,  
 Levá-lo-á por cimeira,  
 Alimpará a carreira  
 De toda a terra do Cão.

SONHO SEGUNDO



XCIV

Oh! quem tivera poder  
Para dizer,  
Os sonhos que o homem sonha!  
Mas hei medo, que me ponha  
Grão vergonha  
De mos não quererem crer.  
Vi um grão Leão correr  
Sem se deter  
Levar sua viagem,  
Tomar o porco selvagem  
Na passagem,  
Sem nada lho defender.

XCV

Tirárá toda a escória  
Será paz em todo o Mundo,  
De quatro Reis o segundo  
Haverá toda a vitória.

XCVI

Será dele tal memória  
Por ser guardador da lei,  
Polas armas deste Rei  
Lhe darão triunfo, e glória.

XCVII

Trinta e dois anos e meio  
Haverá sinais na terra;  
A Escritura não erra;  
Que aqui faz o conto cheio.

XCVIII

Um dos três que vão arreio  
Demonstra ser grão perigo;  
Haverá açoite, e castigo  
Em gente que não nomeio.

XCIX

Já o tempo desejado  
É chegado  
Segundo o firmal assenta  
Já se passam os quarenta  
Que se ementa  
Por um Doutor já passado.  
O Rei novo é acordado  
Já dá brado:  
Já arressoa o seu pregão  
Já Levi lhe dá a mão  
Contra Sichem desmandado.  
E segundo tenho ouvido,  
E bem sabido,  
Agora se cumprirá:  
A desonra de Dina  
Se vingará  
Como está prometido.

C

O Rei novo é escolhido,  
E elegido,  
Já alevanta a bandeira  
Contra a Grifa parideira  
Que tais pastos tem comido;  
Porque haveis de notar,  
E assentar  
Aprazendo ao Rei dos Céus  
Trará por ambas as Leis,  
E nestes seis  
Vereis coisas de espantar.

CI

O néscio quer afirmar,  
E declarar  
Desde seis até setenta  
Que se ementa,  
Do Rei que irá livrar.  
Louvemos este Barão  
Do coração,  
Porque é Rei de Direito;  
Deus o fez todo perfeito  
Dotado de perfeição.

CII

Este Rei tem um Irmão,  
Bom Capitão.  
Não se sabe a irmandade?  
Todo é nobre, em bondade;  
E na verdade  
Que sairá com o pendão.

## CIII

Muitos estão desejando,  
 E altercando,  
 Se o meu dito será certo,  
 Se de longe, se de perto?  
 E sobre o tal praticando.  
 Aquele grão Patriarca  
 No-lo mostra, e está falando,  
 E declara o grão Monarca:  
 Ser das terras, e comarca,  
 Semente del Rei Fernando.

## CIV

Este Rei de grão primor,  
 Com furor,  
 Passará o mar salgado  
 Em um cavalo enfreado,  
 E não selado,  
 Com gente de grão valor.

## CV

Este diz, socorrerá,  
 E tirará,  
 Aos que estão em tristura,  
 Desde, conta a Escritura,  
 Que o campo despejará,  
 Os Fidalgos estimados,  
 E desprezados,  
 Que até agora são corridos,  
 Com o tal serão erguidos,  
 E mui queridos,  
 E com os Reis estimados.

## CVI

Se lerdas as Profecias  
 De Jeremias,  
 Irão dos cabos da terra  
 Tomar os Vales, e Serra,  
 Pondo guerra,  
 E tirar as heresias,  
 Derrubar as Monarquias,  
 E fantasias  
 Serão bem apontoadas,  
 Serão todas derrubadas,  
 Desconsoladas  
 Fora das possentadorias.

## CVII

Ainda mais profetizando,  
 E declarando:  
 Seus pequenos das manadas,  
 Derrubar-lhe-ão as moradas  
 Bem entradas,  
 E assim o vai mostrando.  
 Já o Leão vai bradando,  
 E desejando  
 Correr o porco selvagem,  
 E tomá-lo-á na passagem  
 Assim o vai declarando.

CVIII

Muitos podem responder,  
E dizer:  
Com que prova o sapateiro  
Fazer isto verdadeiro,  
Ou como isto pode ser?  
Logo quero responder  
Sem me deter.  
Se lerdas as Profecias  
De Daniel e Jeremias  
Por Esdras o podeis ver.

SONHO TERCEIRO



CIX

Oh! quem pudera dizer,  
Os sonhos que o homem sonha!  
Mas eu hei grão vergonha  
De nos não quererem crer.

CX

Sonhava com grão prazer,  
Que os mortos ressuscitavam,  
E todos se alevantavam,  
E tornavam a renascer.

CXI

E que via aos que estão  
Trás os rios escondidos;  
Sonhava, que eram saídos  
Fora daquela prisão.

CXII

Vi ao Tribu de Dão  
Com os dentes arreganhados,  
E muitos despedaçados  
Da Serpente, e do Dragão.

CXIII

E também vi a Rubem  
Com grão voz de muita gente,  
O qual vinha mui contente  
Cantando, Jerusalém.

CXIV

Oh! quem vira já Belém  
E esse monte de Sião  
E visse o Rio Jordão  
Para se lavar mui bem!

CXV

Vi também a Simeão  
Que cercava, todas as partes  
Com bandeiras, e estandartes  
Nephtalim, e Zabulão.

CXVI

Gad vinha por capitão  
Desta gente que vos falo  
Todos vinham a cavalo,  
Sem haver um só pião.

CXVII

Eu por mais me afirmar,  
E ver se estava acordado  
Vi um velho mui honrado,  
Que me vinha a perguntar.

CXVIII

Dize-me, tu és de Agar,  
Ou como falas Cananeu?  
Ou és porventura Hebreu  
Dos que nós vimos buscar?

CXIX

Tudo o que me perguntais  
(Respondi assim dormente)  
Senhor, não sou dessa gente,  
Nem conheço esses tais.

CXX

Mas segundo os sinais  
Vós sois do povo cerrado,  
Que dizem estar ajuntado  
Nessas partes Orientais.

CXXI

Muitos estão desejando  
Serem os povos juntados:  
Outros muito avisados  
O estão arreceando.

CXXII

Arreceiam vir no bando  
Esse Gigante Golias  
Mas por ver Henocho, e Elias  
Doutra parte estão folgando.

CXXIII

Dizei-me, nobre Barão,  
Pergunto, se sois contente,  
Dizer-me vossa semente  
Se é da casa de Abraão?



CXXIV

Que eu sam dessa geração  
Saí do Tribu de Levi,  
Sacerdote como Heli,  
O meu nome é Arão.

CXXV

Eu quisera-lhe responder,  
E tocar-lhe em a Lei,  
Senão nisto acordei  
E tomei grande prazer.

CXXVI

E depois de acordado  
Fui a ver as Escrituras,  
E achei muitas pinturas  
E o sonho afigurado.

CXXVII

Em Esdras o vi pintado,  
E também vi Isaías,  
Que nos mostra nestes dias  
Sair o povo cerrado.

CXXVIII

O qual logo fui buscar  
A Got, Magot, e Ezequiel,  
As Domas de Daniel  
Comecei de as olhar;  
E achei no seu cantar  
Segundo o que representa;  
E assim Gad, como Agar,  
Que tudo se há-de acabar  
Dizendo: cerra os setenta.

*Resposta do Bandarra a algumas perguntas que lhe  
fizeram, e da resposta delas se conhecem quais foram*

CXXIX

Os tempos que já se vem  
Porque, Senhor, perguntais,  
Mui grande segredo tem,  
Que muitos dizem Amen,  
Mais se calam mais e mais.

CXXX

O mais está por cumprir,  
O que a minha conta soma:  
Porque de partir a vir  
O texto se há-de cumprir  
Primeiro, Senhor, em Roma.

CXXXI

E nestes trezentos dias,  
Senhor, que agora contamos  
Se contem as Profecias  
De Daniel, e Jeremias,  
Nas quais agora entramos.

CXXXII

E depois de eles entrarem  
Tudo será já sabido,  
Aqueles que aos seis chegarem,  
Terão quanto desejarem,  
E um só Deus será conhecido.

CXXXIII

Convosco falo estas cousas,  
Como com um grande letrado,  
As umas são perigosas,  
E as outras duvidosas  
Ainda não hão começado.

CXXXIV

Antes destas cousas serem  
Desta era que dizemos,  
Muitas grandes cousas veremos,  
Quais não viram os que viveram,  
Nem vimos, nem ouviremos.

CXXXV

Sairá o prisioneiro  
Da nova gente que vem  
Dessa Tribu de Rubem,  
Filho de Jacob primeiro  
Com tudo o mais que tem.

CXXXVI

O mocho está assobiando,  
Dizendo e chamando bois,  
E com medo de depois,  
Tudo se está arreceando.

CXXXVII

Os dois bois estão berrando,  
Pelo tirar da barroca,  
Que não entre na sua toca  
O Bufo, que está bufando.

CXXXVIII

Acho em as Profecias  
Que a terra tremerá  
E como abóbada soará  
Quando faz harmonias.

CXXXIX

Dizem, que nos últimos dias,  
Que aquestas cousas serão,  
A vinte e quatro acharão  
Este dito de Isaías.

CXL

Vejo os lobos comer  
As ovelhas degoladas  
E as vacas mortas montadas  
E os cordeiros gemer.

CXLI

Não deve a terra tremer  
Mas fundir-se sem tardança,  
Pois os que têm a governança  
Os não querem defender.

CXLII

Vejo o mundo em perigo,  
Vejo gentes contra gentes;  
Já a terra não dá sementes  
Senão favacas por trigo.

CXLIII

Já não nenhum amigo,  
Nenhum tem o ventre são,  
Somos já vento soão  
Que não tem nenhum abrigo.

CXLIV

Vejo quarenta e um ano  
Pelo correr do cometa,  
Pelo ferir do planeta  
Que demonstra ser grão dano.

CXLV

Vejo um grande Rei humano  
Alevantar sua bandeira,  
Vejo como por peneira  
A Grifa morrer no cano.

CXLVI

Vejo o lobo faminto  
Concertado c'os rafeiros:  
Os pastores, e ovelheiros  
São de um consentimento.

CXLVII

Acho cá no instrumento,  
Que virá um contador  
Tomar conta ao pastor  
E pagará um por cento.

CXLVIII

Resolvi o meu canhenho  
Sobre este forte barão  
Não lhe acho nenhum senão;  
Dizer dele muito tenho.

CXLIX

Vejo um alto engenho  
Em uma roda triunfante,  
Vejo subir um Infante  
No alto de todo o lenho.

CL

Vejo erguer um grão Rei  
Todo bem aventurado,  
E será tão prosperado,  
Que defenderá a grei.

CLI

Este guardará a Lei  
De todas as heresias,  
Derrubará as fantasias  
Dos que guardam, o que não sei.

CLII

Vejo sair um fronteiro  
Do Reino detrás da serra,  
Desejoso de pôr guerra  
Esforçado cavaleiro.

CLIII

Este será o primeiro,  
Que porá o seu pendão  
Na cabeça do Dragão,  
Derrubá-lo-á por inteiro.

CLIV

Acho, que depois virá  
Às ovelhas dum pastor  
Mui manso, e bom guardador,  
Que o fato reformará.

CLV

Este pastor lhe dará  
A comer erva mui sã,  
E de suas ovelhas, e lã  
Ao mesmo Deus vestirá.

CLVI

Todos terão um amor,  
Gentios como pagãos,  
Os Judeus serão Cristãos,  
Sem jamais haver error.

CLVII

Servirão um só Senhor  
Jesus Cristo, que nomeio,  
Todos crerão, que já veio  
O Ungido Salvador.

CLVIII

Tudo quanto aqui se diz,  
Olhem bem as Profecias  
De Daniel, e Jeremias,  
Ponderem-nas de raiz.

CLIX

Acharão, que nestes dias  
Serão grandes novidades,  
Novas leis, e variedades,  
Mil contendias, e porfias.



## ÍNDICE

Sobre o Bandarra . . . . .	13
Trancoso terra de «letrados» . . . . .	17
Dois defensores . . . . .	19
Venturas e desventuras de um livro . . . . .	25
Profetas e profecias . . . . .	29
Principal bibliografia consultada . . . . .	32
TROVAS DO BANDARRA . . . . .	33
Sente Bandarra as maldades do mundo e particularmente as de Portugal . . . . .	35
Sonho primeiro . . . . .	39
Sonho segundo . . . . .	67
Sonho terceiro . . . . .	75



## JANUS

Dois rostos da mesma realidade, passado e futuro, Céu e Inferno, início e fim. Na sua b(arca) passamos da face aparente das coisas à face escondida a que muitos poucos têm acesso. E assim navegamos sem nos perdermos, sobre as águas da indiferença e do caos. No fim da viagem, com as suas chaves abre-nos a porta da sua terceira (verdadeira) face: a do eterno presente.



«O futuro de Portugal — que não calculo  
mas sei — está escrito nas trovas do Ban-  
darra, e também nas quadras de Nostra-  
damus. Esse futuro é sermos tudo»

(Fernando Pessoa)